



FERNAND BRAUDEL

No Brasil: dois livros de Caio Prado

Fernand Braudel (1948)

O artigo do historiador francês sobre seu colega brasileiro – aqui publicado pela primeira vez na íntegra em português, preservando-se seu estilo retórico – apareceu originalmente em 1948, na revista *Annales: Économies, Sociétés, Civilisations* (ano 3, n.1, p.99-103); trata-se a priori de uma resenha sobre os livros *Formação do Brasil Contemporâneo* e *História Econômica do Brasil*, embora sua amplitude conceitual transcenda o aspecto crítico historiográfico, abarcando discussões filosóficas.

Caio Prado Júnior¹ nos oferece dois livros excelentes sobre o Brasil: um deles constitui a melhor história econômica da qual dispomos atualmente sobre seu país; o outro é o começo de uma obra que se supõe e se deseja monumental sobre o Brasil de hoje. São dois livros, dois projetos, com ritmos diferentes e diferente escopo, mas que, contudo, têm o mesmo tom. Mas poderíamos dizer que têm o mesmo tom científico? Na verdade, ambos se inspiram na “dialética materialista” e com um singular vigor acentuam, segundo as regras dessa escola, os “processos” da história, ou caso se prefira, as correntes e cursos da vida, em que o passado não cessa de inflar e alimentar o presente instável e efêmero. Certamente, toda história implica uma filosofia, como afirma legitimamente o nosso autor, a fim de que ninguém o ignore, iluminando minuciosamente o vigoroso prefácio de sua *História Econômica do Brasil*. Não somos nós que buscaríamos, neste tocante, querelas com o autor. Não há paisagem, nem história, sem que haja um posto de observação, e isso vale tanto – se não mais – para nossas incertas ciências humanas, quanto

* Tradução de Yuri Martins Fontes

** Colaboração Argus Romero

1. *Formação do Brasil contemporâneo: Colonia* (2. ed., São Paulo, 1945, 389 páginas); *História econômica do Brasil* (São Paulo, 1945, 318 páginas) [N. do Autor].

para as ciências da natureza. Com a condição, porém, tanto a esta como àquela, de que se leve em conta estritamente a posição do observador. Que nos sejam perdoadas essas advertências: elas não têm espaço para serem desenvolvidas aqui em nossos Annales. Já não é necessário expor aquilo que há de justo, forte e eficaz a nossos olhos, na dialética materialista aplicada à história: graças a ela todo o manto da história foi inundado de luzes. É uma verdade trivial. Desnecessário é lembrar o quanto nos Annales, temos combatido a favor e contra tais esclarecimentos necessários, por vezes úteis e originais, mas ao mesmo tempo – como o dizer brevemente? – terrivelmente deformadores, quando o autor não está suficientemente alerta.

Em todo caso, se o debate tinha de ser retomado, não se pretende aqui ofuscar esses dois livros rigorosos e repletos de méritos, dos quais gostaria logo de apontar suas variadas virtudes. Ainda mais porque, uma crítica que seria ao mesmo tempo a defesa de nossos pontos de vista, se revelaria uma péssima escolha. Caio Prado, de fato, apesar de toda sua decisão filosófica prévia, é um historiador nato – por sorte ou azar –, o que certamente significa que é um observador habituado a verificar suas fontes, a discutir o encadeamento dos fatos, a somente avançar com prudência, mas especialmente, que é um observador atento à vida múltipla dos homens – isto que frequentemente confunde os teóricos, limitados por caprichos, mesmo em suas causas mais profundas e bem determinadas... E tampouco que ninguém se engane pelo tom desses livros, voluntariamente despojados de paixão aparente, de poesia e sedução fáceis. Mal disfarçados, eles traem uma violenta paixão pelo imenso país, cuja infância e adolescência são analisadas com aguda preocupação pela verdade, inteligência e honestidade – esta que é ainda a melhor forma de amar os homens, de onde quer que eles sejam. Compreender o Brasil, decifrar suas origens, diagnosticar seus males – mas agora de modo científico, válido, longe das vias fáceis e incertas do ensaio, longe dos caminhos da pura poesia, longe das instituições... Perceber-se-á amanhã, se já não hoje (mas ninguém é profeta em seu próprio país), que estes livros tensos e de estrutura firme ocupam seu lugar precisamente na série dos grandes e belos livros pelos quais o Brasil tentou descobrir sua verdadeira face, desde Euclides da Cunha a Paulo Prado e Gilberto Freyre. Sinal dos novos tempos: nesta interpretação nacional, incessantemente recomeçada, historiadores substituíram poetas, filósofos e ensaístas. Não o lamentamos.

Foi para o ativo *Fondo de cultura económica de México* que Caio Prado escreveu – antes, pois, em espanhol – essa história econômica do Brasil, a qual nos referimos aqui à edição em português, em suma, a versão original. Apresenta-se sob a forma de um livro claro, rápido, de trezentas e tantas páginas, em que necessária e deliberadamente os fatos do passado são apresentados em linhas gerais. O autor, que não aprecia inventários ou a história descritiva, nem narrativas rebuscadas ou retratos de ponta cabeça, fica por sua própria natureza bastante à vontade em seus concisos resumos, nos quais o que há de importante e profundo é sublinhado com destreza e dito com força. Oito capítulos cronológicos conduzem o leitor desde o início do séc. XVI aos tempos atuais: as preliminares (1500-1530); a ocupação efetiva (1530-1640); a expansão colonial (1640-1770); o apogeu da colônia (1770-1808); a era do liberalismo (1808-1850); o império escravocrata e a aurora burguesa (1850-1889); a república burguesa (1889-1930); a crise de um sistema, de 1930 aos nossos dias. Percebe-se logo que Caio Prado não deu aos capítulos – todos com excelentes abordagens – os títulos que se esperaria, e que tratariam do pau-brasil, do açúcar, da pecuária, do ouro, do café, da borracha, do algodão... Os títulos do livro por si mesmos são, pois, bastante reveladores. A história econômica não é para Caio Prado um campo fechado, mas sim uma história coesa, mesclada aos acontecimentos, particularmente associada à vida política e à evolução social. Não será aqui nos *Annales* que protestaremos. Imagino que talvez um historiador marxista não hesitasse em dividir, de um lado a massa viva da história do Brasil, e de outro a introdução (são as *introduções* que é preciso se discutir) com as abstrações em suas formas diversas...

Poderia eu dizer que o mais original dessa abordagem me parece ser o estudo do último século, de 1850 aos nossos dias, ou ainda desse pouco mais de meio século, que vai da revolução de 1889 com a queda do império de Pedro II, aos nossos dias? Este penúltimo capítulo do livro se decompõe em cinco partes que são sucessivamente: o apogeu de um sistema (ao mesmo tempo, o advento de uma burguesia comercial, o triunfo do capitalismo estrangeiro e a implantação de um amplo fluxo de exportação de produtos primários...); uma crise de transição (entendida sobretudo como a crise financeira que é consequência crônica do sistema, a queda do câmbio, a quase bancarrota, a consolidação e enorme aumento da dívida externa); e logo a ascensão e crise da produção agrícola (o que nos brinda de passagem com um notável estudo sobre o comércio do café); a industrialização; o imperialismo (este último título, sem epítetos, parece-me bem discutível aliás...). Todas estas questões mereceriam um exame rigoroso, o que não

podemos aqui realizar. Por outro lado, seria igualmente desejável que uma tradução francesa pusesse um dia, de uma só vez, toda essa riqueza ao alcance de nosso público, professores, especialistas e também o público esclarecido da política e dos negócios. Antes de tudo, eu me levanto contra toda explicação da indústria brasileira que não leve em consideração, como nos mostra Caio Prado, suas curiosas origens. Neste caso, mais além de um nacionalismo econômico, não foi uma fiscalização alfandegária bastante cega que permitiu o nascimento de uma indústria sem visão de conjunto, a qual ainda hoje se ressent de seu passado imediato?

Na verdade, o que nos mostraria uma análise dessas descrições densas e originais (já que o Brasil menos conhecido é aquele de ontem e de hoje, tenhamos a coragem de dizê-lo, essa realidade que se deforma sem cessar de um ano a outro, este fogo de artifício desconcertante e ininterrupto de renovações econômicas e humanas), isso que o leitor poderá também notar nos demais capítulos do livro de Caio Prado é a atenção do autor ao conjunto da paisagem histórica, a clareza e o refinamento de suas análises e explicações. Por exemplo: em 1889, há cem anos, a Revolução Brasileira seguia a grande Revolução Francesa – um simples acidente, poder-se-ia dizer, nada mais que um golpe de Estado militar com a participação sofrível de alguns poucos civis.

O povo brasileiro permanece inerte, *bestializado*, conforme as palavras de um dos fundadores da República, “sem a menor consciência do que se passa”. Um simples acidente, e entretanto, isto mudaria tudo na história deste imenso país. Toda uma evolução lentamente preparada então se completaria; todas as barreiras (e eram inúmeras) do conservadorismo imperial seriam rompidas de uma só vez, sob o impulso de novas águas. Assim, por muitos anos, o militar é introduzido no cenário político. E ainda, o que é bem característico dos novos tempos, eis aqui os homens de negócios, estes personagens de crescente importância que a República vai alçar a uma posição dominante. O Império se opunha aos homens de negócios; o Império entendido aqui não só como o regime político, mas também como a sociedade imperial, como a atmosfera da vida brasileira. Mauá, este extraordinário magnata dos negócios por quem Henri Hauser tanto se interessou, tinha sido curiosamente incluído no índice do Império... Outros tempos, outras maneiras; mesmo o pessoal político do Império, desde os primeiros anos da República, se lança às especulações e empreendimentos. Vê-se com este exemplo, rapidamente abordado, mas suficientemente claro, que Caio Prado sabe observar e avaliar suas explicações; e que a milhares de léguas de nós, ele segue o mesmo caminho pelo qual nos esforçamos em nossos *Annales*.

Mas como se imagina, tenho algumas reservas a formular. Elas advêm das divergências de ponto de vista iniciais, e também de que um brasileiro, mais do que nós – penso também em Gilberto Freyre –, tem a tendência de ver a história de seu país a partir de dentro (o que é seu direito, e mesmo dever), e assim crer que ela é mais responsável por seu destino, do que ela jamais o foi na realidade.

Cada parte do mundo reflete a história do mundo inteiro, sofre-a, acomoda-se a ela. Por mais atento que Caio Prado esteja a essa vida do vasto mundo, à intervenção dos grandes trustes bancários, o que é uma forma dessa vida mais geral, acho definitivamente que ele com frequência se restringe apenas ao horizonte brasileiro; e por mais vasto que seja esse horizonte, por vezes ele é também uma prisão para o historiador. Como pode ser que Caio Prado não tenha dado mais atenção à história do Atlântico Sul? O oceano, no que concerne ao Brasil, não é o seu meio de ligação com o mundo? Concordo com ele que uma economia brasileira humana, que será feita pelo homem brasileiro, opõe-se bastante dramaticamente a uma economia imposta ao Brasil a partir de fora, inumana, ligada ao “imperialismo” mundial. Esta distinção ilumina uma série de observações e de fatos importantes. Mas, no fim das contas, o Brasil não estaria condenado a se abrir para o mundo, para o bem e para o mal, como todas as regiões do planeta?

Discutamos também a organização do livro. Ao seguir um plano cronológico, Caio Prado não teria sido levado a acentuar demais aquilo que se modifica, em prejuízo daquilo que dura e persiste? Mais do que uma história estrutural – como diria Gaston Roupnel –, é uma história conjuntural que ele nos oferece.

Ademais: por natureza de espírito e também por hábito, Caio Prado, se não me engano, acredita mais na história, nas vívidas realidades das relações das coisas entre si, do que nas coisas por si mesmas. O que ele instintivamente procura são as articulações, as fronteiras, as formas pelas quais a história econômica se reconcilia com a política e com a vida social – ainda que um pouco em detrimento da linha clara de seu tema. É também insuficiente a atenção que ele dá ao problema dos preços, que é abordado sempre de modo enviesado, além de não levar muito em conta as crises cíclicas e intercíclicas que agitaram absurdamente o cenário econômico e humano do Brasil. Nestes domínios, o grande livro de C. E. Labrousse – tão revolucionário no plano intelectual – não teve, sem dúvida, tempo de despertar curiosidades e reações do outro lado do Atlântico.

Eu teria muito a dizer sobre essa magnífica análise do Brasil contemporâneo, cujo primeiro tomo Caio Prado nos presenteou. Acho o volume mais rico e ainda mais amplo do que o estudo de história econômica que acabamos de analisar. Porém, o que Caio Prado nos oferece é apenas uma introdução; um balanço do Brasil colonial, do qual o Brasil atual é filho legítimo e, aqui e acolá, como nos diz o autor, ainda não emancipado. É em nome desta herança ainda viva, embora transformada pela vida, que esse primeiro volume – consagrado à atualidade – começa com um balanço abrangente, minucioso e inteligente dos três primeiros séculos europeus do Brasil. Volta as costas à atualidade, mas para melhor apreendê-la. A matéria viva do Brasil atual é uma sucessão de transformações, e não encontrou ainda uma moldura na qual se decantar e modelar de maneira um tanto durável: “sente-se a presença de uma realidade já muito antiga que até nos admira de aí achar e que não é senão aquele passado colonial”. Daí a necessidade de se estabelecer, neste início do século XIX, um construtivo ponto de referência – mas não para nos oferecer um painel histórico. O autor – reitero – não aprecia essas histórias imóveis, dissociadas da temporalidade, fichamentos cronológicos demasiado frágeis e assim inconsistentes. Irreais, portanto. Para ele a história é movimento, incidentes, hidrografia viva. No início dessa primeira parte do século XIX, em que tudo está prestes a se precipitar, não é apenas a topografia das partes visíveis que é posta em questão, mas também as nascentes, os córregos, os rios – toda essa ebulição de vida que toma de assalto o tempo.

Três partes amplamente delineadas: o povoamento, a vida material e a vida social. Títulos estes que mostram apenas parcialmente o dinamismo de seus estudos. Seria impossível, como se pode facilmente supor, indicar o que há de mais rico no conteúdo desses estudos, ou mesmo escolher alguns filões, páginas de testemunho. Um livro como este, lê-se com paixão, explora-se como uma mina de fatos e ideias. Não se pode resumi-lo. Poderia eu dizer que, em minha opinião, ele é breve demais, apesar de sua amplitude? Eu teria apreciado um estudo voltado às relações entre o homem e o meio ambiente brasileiro – o que o geógrafo de formação e vocação Caio Prado poderia e deveria escrever. É um grande tema este das relações entre o homem e a terra brasileira. E opinaria ainda que talvez falte a essa análise brilhante um estudo sistemático da civilização, conduzido – fora das habituais e estereis rotinas – conforme as ideias renovadoras de Lucien Febvre e Marcel Mauss.